

O inventário poliglota como instrumento epistemológico da formação metodológico-conceitual da linguística comparativa do século XIX

Gissele Chapanski

RESUMO

Inventariar itens é prática recorrente na história do conhecimento. Ao viabilizar raciocínios indutivos, ilustrar processos dedutivos, salvaguardar ou disponibilizar saberes, as listas constituem instrumento metodológico e filosófico do pensar. Tanto é que a coleta ordenada de exemplos, espécimes, dados de toda ordem consiste em procedimento comum a ponto de soar naturalizado. Longe, porém, de ser mero instrumental neutro, o inventário revela chaves epistêmicas capazes de traduzir as concepções operacionalizadas por determinado autor, disciplina ou escola de pensamento (AMSTERDAMSKA, 1987). Embora como objeto ou resultado a lista se repita, suas natureza e funções não permanecem uniformes. O enciclopedismo de Plínio não é o de Diderot. No caso específico dos estudos linguísticos, é possível flagrar inventários constituindo tabelas de analogias nos antigos gramáticos, exemplificando classes de palavras, motivando ou ilustrando teses diversas. Individualizadas, essas listagens se amparam sobre noções lógicas fundamentais, como as de categoria e paradigma, mas as articulam de modo particular. No cenário que antecedeu a linguística comparativa de Bopp, compilações como o *Dicionário Universal* de Pallas (1786), o *Catálogo* de Hervás (1800) e o *Mithridates* de Adelung (1806-17) atuaram como repositórios de diversidade linguística. Essas obras manifestam, ainda que concebidas sob distintas finalidades e critérios, uma guinada epistemológica na direção do *dado* que refletirá diretamente na linguística posterior (MORPURGO-DAVIES, 1998). Abordando mais pontualmente o exemplo de Adelung, o presente trabalho fará uma breve análise do papel desses inventários, entre estudo tipológico e fonte para uma genealogia das línguas, e sua transição da polimatia à especialização nos estudos linguísticos do século XIX.

Palavras-chave: Inventários linguísticos; *Mithridates*; método histórico-comparativo.

ABSTRACT

Inventorying items is a common practice in the history of knowledge. By enabling inductive reasoning, illustrating deductive processes, and safeguarding or

providing knowledge, lists have come to constitute a methodological and philosophical instrument of thinking. The orderly collection of examples, specimens, and data of all kinds have become a common procedure to the point of sounding naturalized. However, far from being a mere, neutral tool, an inventory reveals epistemic keys capable of translating the concepts operationalized by a given author, discipline, or school of thought (AMSTERDAMSKA, 1987). Although, as an object or result, a list can repeat itself, its nature and function do not remain uniform. The Plinian encyclopedism is not that of Diderot's. In the specific case of linguistic studies, it is possible to find inventories that constituted tables of analogies in the old grammarians, exemplifying word classes and motivating or illustrating different theses. Taken individually, those listings were based on fundamental logical notions, such as category and paradigm, even though they articulate those notions in a particular way. In the scenario that preceded Bopp's comparative linguistics, compilations such as the Pallas' Universal Dictionary (1786), the Hervás' Catalogue (1800), and the Adelung's Mithridates (1806-17) acted as repositories of linguistic diversity. Despite being conceived under different purposes and criteria, those works manifest an epistemological shift towards the datum that will reflect on the later linguistics (MORPURGO-DAVIES, 1998). With an approach more focused on Adelung's example, the present study makes a brief analysis of the role of those inventories as both a typological study and a source for a genealogy of languages and its transition from polymatheia to the specialized linguistic studies of the 19th century.

Keywords: *Linguistic inventories; Mithridates; Historical-comparative Method.*

O inventário como instrumento epistemológico

Inventários, listas, enumerações, coletâneas, compilados, catálogos¹ são manifestações de um mesmo procedimento epistemológico que, na base, consiste em agregar elementos sob critérios específicos. À primeira vista, constituir tais conjuntos pode soar automático ou naturalizado² a ponto de se conceber a ‘lista’ como não mais que uma imediata consequência, ou parte inerente do pensar. Nesses termos, realmente os inventários dispensariam qualquer análise ou elaboração. Contudo, a natureza conceitual do grupoamento que os constitui não é, em essência, aleatória: demanda a concepção de

1 O termo *inventário* aqui não remete a um formato específico. Visa antes a designar o procedimento epistemológico por trás de listas, compilações, coleções. Por isso, ao longo deste artigo, serão empregados, alternadamente, termos como esses para apontar não um modelo textual fechado sob regras estruturais particulares, mas o processo elaborador de conjuntos. Apesar, portanto, da indiscutível diferença que possa haver entre os produtos finais (listas, coletâneas e afins) estará, em pauta o processo inventarial que lhes é subjacente.

2 Aqui entende-se a *naturalização* no mesmo sentido que o empregado por Borges Neto (2013). Ao se referir aos elementos teóricos da gramática dita tradicional, o autor destaca que geralmente esses são mobilizados como parte inerente ao fenômeno linguístico, quando, na verdade, constituem manifestações de uma das possíveis abordagens teóricas sobre o fenômeno.

critérios que estabeleçam os itens pertencentes (potencialmente ou de fato) ao conjunto. Os produtos possíveis do ato de inventariar são inúmeros. De glossários e coletâneas a câmaras museológicas, eles recorrem sob modelos diversos, mais ou menos fixos. Sem dúvida, tanto quanto a naturalização do processo de listar, a mera constatação da ostensiva recorrência material desses elementos também pode levar a entender inventários como fenômeno genérico ou indistinto.

Contudo, uma vez concebido como processo ou método de organização intelectual, o inventário suscita um olhar para além dessa naturalização. Mais que seus contextos de emprego e criação, formato final ou extensão, cabe, pois, considerar pontualmente os critérios das categorias que definem o inventário ou são definidas por ele. Sob essa perspectiva, passa-se da observação de uma simples consequência ou inerência do pensamento para a análise de um instrumento do pensar.

A *collectanea poliglota*

Especificamente no âmbito dos estudos metalingüísticos, ao longo da história, listas e coletâneas tiveram funções determinantes. Enumerações de estruturas, regras e exemplos vocabulares; listas de analogias e anomalias³; glossários e dicionários; além da própria formação de categorias operacionais, como as partes da oração ou classes de palavras – tudo isso acabou se caracterizando como um rol de práticas próprias do meio. Inclusive, dois dos mais permanentes modelos textuais nos estudos linguísticos ocidentais – o glossário e o manual de gramática⁴ – são manifestações materiais de mecanismos de discriminação e grupamento guiado por critérios.

Por um lado, é fato que a repetição das manifestações textuais do inventário ao longo do tempo se deve à transmissão de modelos formais, no sentido concebido pela Retórica ou mesmo pela Edótica (no caso da tradição escrita)⁵. Porém, mesmo esse aspecto essencialmente material de sua permanência, acaba por pautar os modelos cognitivos aplicados na concepção e interpretação dos fenômenos linguísticos, já que entra como fator constante no balanço dinâmico das relações entre elementos novos e antigos, nos moldes do que Amsterdamska (1987, pp. 2 e ss) aponta como

³ Observe-se que já no período helenístico as disputas teóricas em torno dos fenômenos da língua contrapunham analogistas e anomalistas se valiam de listas de palavras para amparar suas discussões. (Cf., a exemplo, WOUTERS, 1979).

⁴ Aqui entendido *lato sensu*, como compilações, em geral de natureza prescritiva, de definições e regras linguísticas, assim como de seus respectivos exemplos.

⁵ Vale notar, por exemplo, que, ao tempo que escrevia seu *Mithridates*, Conrad Gessner traduzia Cláudio Eliano. A imprensa moderna viabilizou a difusão de diversas obras do enciclopedismo antigo nos ambientes intelectuais da época: assim como Júlio Pólux (Vide nota 9), por exemplo, Plínio o Velho, cuja tradição manuscrita na Europa é contínua, ganha edições que se difundem entre os humanistas a partir de 1496 (Cf. CONTE, 1982).

movimento característico da sucessão de escolas de pensamento nos circuitos científicos⁶. Assim, um mesmo instrumento pode ganhar motivações distintas para sua composição de acordo com o ambiente intelectual em que se insere, prestando-se, igualmente, a diferentes funcionalidades.

O ambiente dos estudos linguísticos é pródigo em inventários. Contudo, o foco do presente trabalho serão as coletâneas de diversidade linguística elaboradas na Europa, notavelmente a partir do século XVI. Trata-se de compêndios destinados a reunir amostras de línguas do mundo conhecido, uma prática consolidada a partir do *Mithridates* de Conrad Gessner, em 1555⁷. Esse tipo de inventário, em geral, constituía-se de listas comparativas de vocábulos com sentidos julgados equivalentes nas várias línguas abordadas, além de contar, muitas vezes, com traduções de uma amostra textual, comumente representada pelo *Pai nosso*.

Tal modelo é reiteradamente retomado. Porém, embora relevante, a repetição da forma em si diz pouco sobre as reflexões metalingüísticas dos diversos autores e períodos. Por isso, mais do que manifestações isoladas, interessa apurar as diferentes concepções epistemológicas por trás do ato de inventariar, nas diversas coletâneas poliglotas. Lançar tal olhar sobre o inventário linguístico permite flagrar o estado da arte, a episteme que o sustém e a compreensão e conceituação de fatos da língua vigentes na obra em dados autores e momentos históricos. É emblemática, nesse sentido, a retomada, inclusive nominal, que Adelung e Vater fazem do modelo estabelecido a partir de Gessner, em seu próprio *Mithridates* (1806- 1817). O cotejo dessas duas obras permite observar o dado linguístico entre a instauração de uma tradição e o diálogo com ela.

A partir do século XV, a Europa viveu drásticas mudanças nos modelos e sistemas de conhecimento vigentes. A revolução midiática da imprensa de tipos móveis e a expansão das fronteiras do mundo conhecido inaugurou uma nova era para a polimatia, uma vez que forneceu novos modelos de difusão de informações e registro do saber, além de novos objetos a serem investigados. Em um movimento epistemológico que passa a favorecer a erudição manifesta na quantidade e no exotismo das matérias conhecidas, a *curiositas*, outrora

6 A autora remete especificamente aos ambientes científicos operantes sob as sistematizações e práxis que os caracterizaram sobretudo a partir do século XVII, no movimento comumente designado como *Revolução científica*. Foge ao escopo deste trabalho discutir de modo mais detido as concepções diacronicamente estabelecidas em torno dos fazeres científicos, mas, para uma visão crítica e analítica do período e do modo de produção e abordagem do conhecimento que nele gradativamente se institucionaliza, vejam-se Cohen (1985) e Koyré (1973), por exemplo. É possível, porém, estender as linhas gerais do raciocínio de Amsterdamska (1987) às academias anteriores à instituição das chamadas *ciências modernas*, conforme geralmente admitidas, sem maiores prejuízos da acuidade, uma vez que ambas associações intelectuais são similares em agremiação de pensadores, interpretação e transmissão de fontes, preceitos e instrumentos.

7 Teóricos como Trabant admitirão essa obra como “um dos documentos mais importantes do nascimento da linguística na Europa” (1998, p. 95) justamente por consolidar esse modelo.

proscrita, passa a ser compreendida como modo investigativo⁸ de travar contato com o mundo. Eis um ambiente favorável à formação e à difusão de coleções que estão na base de fenômenos como os *studioli*, câmaras maravilhosas e, mais tarde, dos gabinetes de curiosidades⁹, assim como de sua contraparte bibliográfica, em herbários, bestiários, glossários, e demais compêndios que se tornam prática editorial corrente. Verificável já nos enciclopedistas antigos, como Júlio Pollux, Cláudio Eliano e Plínio, o Velho, a *collectanea* pode ser compreendida como um gênero da escrita e como movimento intelectual. Herança do *lexicon* e do *onomasticon*¹⁰ antigos, a *collectanea* moderna é a um só tempo produto e instrumental de sistemas de ideias, constituindo-se em aparato de coleta e organização de fenômenos específicos.

Se ainda no século XV, as primeiras coletâneas poliglotas surgem na esteira das compilações da multiplicidade de saberes possíveis, dos relatos de viagem, das impressões do *orbi nouus*, do interesse pelo exotismo, é igualmente fato que abordam as amostras linguísticas como *souvenirs* colecionáveis. Essa perspectiva se mantém, em alguma medida, nos séculos subsequentes. Porém, à medida que adentram o século XIX, guardam ainda semelhanças estruturais, mas passam a manifestar alterações epistemológicas consideráveis. Surgem propósitos e finalidades distintas, que apontarão gradativamente para a compreensão do dado linguístico como **meio** para a compreensão de fenômenos da língua, não mais como **fim** em si.

Inventários poliglóssicos: razões e métodos dos séculos XVI ao XIX¹¹

55

Em 1428, John Schildberger, escrevendo um relato de viagem, teria provido uma experiência de coleta de exemplares linguísticos por meio de traduções do *Pai nosso*. Prisioneiro de guerra por décadas, o soldado húngaro

8 Termos que teria sido cunhado por Cícero em seu *De finibus*, *curiositas* adquire diferentes valores epistêmicos (de vício a virtude do saber) ao longo da história. Se no contexto latino antigo não parece ter sobre si valoração estanque (pejorativo ou positivo). A partir de Agostinho de Hipona, porém, o conceito teria sido assimilado a ambições e arrogância não compatíveis com a virtude (BLUMBERG, 1983). Foi apenas com o estabelecimento de uma episteme essencialmente humanista, acompanhada do gradativo estabelecimento das ciências naturais, que a *curiositas* passou a ser compreendida como uma prática válida e mesmo necessária ao ímpeto investigativo demandado pelos novos modelos cognitivos de organização e produção do conhecimento que se instauravam por volta do século XV na Europa. É nesse sentido que a abordam Kenny (2010), Korta (2015), entre outros.

9 Para maiores detalhes sobre esse movimento, vejam-se Falguières (2003), Findlen (1994)

10 Um exemplo importante desse formato seria o *Onomasticon* de Julius Pollux (II d. C.). Trata-se de um *thesaurus* de palavras do grego ático, sinônimos e frases, separados por assunto e disposto em dez livros. Foi publicado pela imprensa de Also Manuzio em 1502, reeditado em 1520, por Lucantonio Giunta. Em 1541, foi vertido para o latim por Rudolf Gwalther e publicado na Basileia. A difusão impressa dessa e de outras obras similares da antiguidade é um exemplo dos efeitos da imprensa gutembergueana sobre o momento intelectual da Europa no início da idade Moderna.

11 Os inventários desse período são múltiplos em forma e número. Detalhá-los foge ao escopo desse trabalho. A opção aqui foi por trabalhar com uma pequena seleção, ainda que dela fiquem de fora iniciativas relevantes como o *Dicionário Universal* de Pallas.

coletara amostras das línguas com que se confrontara em seu exílio. Obteve, assim, exemplos do tártaro e do armênio (RUSSELL, 1858, p. 44). Sua prática e seu método, não eram alheios aos missionários cristãos. No entanto, o mais reconhecido instaurador da tradição dos paternostristas¹², é Conrad Gessner, com o *Mithridates: de differentiis linguarum tum veterum tum quae hodie apud diversas nationes in toto orbe terrarum in usu sunt*¹³, de 1555.

Para compreender o circuito conceitual por trás dessa compilação, um primeiro aspecto a se observar é o título da obra. Ali já se aponta para uma tentativa consciente de elaborar um repositório de línguas, ao se empenhar o nome histórico-mitológico de *Mithridates*¹⁴. O uso é semelhante aos que se verificará no emprego de *Flora*¹⁵, *Atlas*¹⁶ ou *Minerva*¹⁷, para designar, respectivamente, compêndios¹⁸ de plantas, de mapas, ou considerações gramaticais.

Aparentemente um mero detalhe, o emprego dessa metonímia para intitular sua obra reflete um ambiente intelectual que tem por *modus operandi* agregar, concatenar, categorizar a ponto de constituir um novo formato, bibliográfico, para as coleções e batizá-lo. É nesse cenário que o compêndio se estabelece como produto intelectual caracterizado e definido a ponto de passar a ser nominado com um expediente particular, o recurso metonímico ao ideário mítico da antiguidade greco-latina. O que se está denominando, nesse caso, é uma nova forma de fazer conhecimento, um modelo de obra, determinado por um método¹⁹ e uma intenção.

12 Entende-se aqui por *paternostristas* os autores que empregaram a oração do *Pai nosso* (*Pater noster*) em traduções para línguas diversas e, com isso, sob múltiplas intenções e modelos, constituíram repositórios de diversidade linguística em suas obras.

13 Em tradução livre, *Mithridates ou das diferenças das línguas que, tanto antigamente quanto hoje, são usadas por diversas nações de todo o orbe*.

14 Mithridates (134 a.C.- 63 a.C.) teria sido um Rei do Ponto cujas habilidades intelectuais teriam sido notórias a ponto de se tornarem míticas. Dentre outros feitos, ele teria sido capaz de falar 22 línguas.

15 O termo “Flora” na acepção de conjunto de plantas” teria sido empregado pela primeira vez em 1633, por Battista Ferrari, em seu *De florum cultura libri quattuor*, um compêndio de plantas do jardim e da horta (BERRENS, 2019, p. 238).

16 O geógrafo Gerardus Mercator teria sido o responsável por consolidar o uso da palavra “atlas” (alusão ao Titã homônimo) no sentido de coletânea de elementos geográficos. A princípio, sua obra *Atlas Sive Cosmographicae Meditationes de Fabrica Mundi et Fabricati Figura* (Atlas ou meditações cosmográficas sobre a criação do universo e suas representações), em 1595, tratava da criação do espaço geográfico universal, mas suas sucessivas edições acabaram consolidando-a gradativamente como uma compilação de mapas.

17 Sanctius, ou Francisco Sánchez de las Brozas teria escolhido designar sua gramática de *Minerva*, por ser esse o nome da deusa latina da sabedoria, das artes, da oratória, da poesia, das especulações filosóficas, personificando o trabalho de espírito (SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, 1976, p. 45).

18 Designar obras a partir de um herói ou deidade antigos com cuja história seu conteúdo se relacionasse passa a ser usual no início da Idade Moderna. A princípio, a aplicação se dava genericamente, inclusive em obras de natureza poético-didática, como a *Urania sive De stellis* (1505), de Giovanni Pontano, ou o *Palamedes sive De tabula lusoria, alea et variis ludis* (1622), de Daniel Souer. Contudo, concomitantemente, esse emprego metonímico se especifica e passa a aplicar-se à designação de *collectaneae* (Cf. BERRENS, 2019).

19 O termo *método* é empregado aqui em seu sentido corrente. Não pretende remeter ao seu uso terminológico, científico, mas aludir tão somente a determinado conjunto de atitudes e sua organização sob um “modo de fazer”.

No espectro de saberes diversos desse autor, um naturalista e um polímata – convém lembrar –, as línguas do mundo entrariam como mais um dos inúmeros objetos a serem agregados e categorizados ao lado de animais, insetos, plantas, dentre outros²⁰. Esse fato é relevante à medida que demonstra o reconhecimento e a atribuição de certa autonomia ao do elemento *língua*²¹ junto a outros, mais materiais e palpáveis, algo não verificado, por exemplo, no enciclopedismo antigo de Plínio.

Ainda no título de sua obra, Gessner alega abordar as diferenças entre as línguas. Contudo, seu conteúdo é mais exemplificativo do que analítico de tais distinções. Tanto é assim, que Gessner, soma às suas traduções do *Pai nosso* versões versificadas, em hexâmetros e em alexandrinos. Nesse movimento, fica nítido que o que está sendo relevado como critério não seria exatamente a língua, suas estruturas e elementos, mas o item traduzido. Os exemplares multilíngues da oração não se configuram como dados linguísticos propriamente; são antes amostras dentro de um panorama pretendido pela obra. Importa antes coletar itens singulares do que materiais representativos de um espectro de diversidade definido por critérios analíticos. Cada uma das versões da oração é um item curioso em si, cuja excentricidade é o aspecto central.

Quanto à formação de sua coletânea, Gessner adota relatos de missionários e viajantes para suas traduções (COLOMBAT, 2006, p. 5), o que aponta para um necessário hibridismo na coleta e registro desses dados. Tal limitação não é apontada na obra, que, inclusive, imiscui aspectos dos povos à abordagem das línguas, fiel ao *modus etnográfico* já verificado no enciclopedismo antigo, notavelmente na *História natural*, de Plínio, o Velho. O trecho seguinte mostra não só essa preocupação etnográfica, eventualmente sobreposta à questão linguística, como a atribuição das fontes (Josaphat Barbarus e Marco Polo, no caso):

“Possuem uma língua própria :A província de Cyamba (reino) depois do Oceano oriental. Alguns ignorantes empregam erroneamente o nome de “província” para uma simples região ou um reino. Os povos Caitachi, que habitam o entorno da montanha Cáspia e entre os quais muitos são cristãos (Josaphat Barbarus [...]. A província Tholoman na Ásia, ao Norte, que é habitada pelos idólatras. Os reinos de Tana, Cambaeth, Semenath e Resma

20 Dentre suas outras coletâneas notáveis estariam a *Enchiridion historiae plantarum* e *Catalogus plantarum* (1542), *Bibliotheca universalis*(1545), *Historia Animalium* (1555- 1558).

21 Observe-se que, longe de ser automático, o reconhecimento fatal do estatuto de *língua*, ou mesmo de *dialeto*, para variedades não-europeias, ou mesmo que não fossem o hebraico, o grego antigo ou o latim é um movimento que se estabelece gradativamente a partir da idade Moderna.

coram têm um rei e um idioma próprio cada um (Marco Polo)”
(GESSNER, 1555, f. 70r-v, apud COLOMBAT 2006)²².

Apesar de nominar as línguas a partir dos povos que as falam e focar em sua distribuição geográfica, Gessner reconhece a pluralidade e a possibilidade de se encontrarem sempre novos povos. Isso fica evidente no apêndice destinado às “Diversas Línguas, sobretudo as faladas nas regiões mais distantes do império Tártaro e do Novo Mundo” (GESSNER, 1555, f. 70r-71v, apud COLOMBAT 2006). Obviamente, a mera admissão dessa possibilidade faria com que o número de línguas no mundo transcendesse as 72 defendidas pela narrativa bíblica do cenário pós-babélico. Gessner, fiel à hipótese lançada nessa narrativa, resolve a questão apontando a existência de dialetos²³: “Na verdade, são 72 dialetos, ou melhor, línguas comuns, como se acha publicado dentre os nossos. Porém, dentre as línguas que restam, muitas estão sob um gênero comum, que comporta dois, três dialetos (GESSNER, 1555, f. 1v, apud COLOMBAT 2006) ²⁴”. Assim, Gessner se permite computar cerca de 110 dialetos e 410 povos.

Nas mãos de outros naturalistas e polímatas posteriores, tal propósito, compilador e etnográfico, não se fará diferente. A princípio, serão observadas mudanças nas dimensões geográficas cobertas pelos exemplares linguísticos e na quantidade deles. Em 1593, Jerome Megiser, no *Specimen quadraginta diversarum at que inter se differentium linguarum ac dialectorum* apresenta o *Pai nosso* vertido para 40 línguas, dentre as quais, lapão, turco, tártaro, chinês e uma “língua das Américas”.

58

Cerca de um século depois, em 1680, Andreas Muller, amplia o número de itens de sua coletânea *Orationis Dominicae versiones ferme centum*: reúne aproximadamente 90 línguas, dentre as quais, o bretão, o basco, o georgiano, malaio, malgaxe, “angolano”, o “mexicano”, o poconchi, o “virginiano”. A obra ainda traz um quadro comparativo das palavras para

22 *Linguam propriam habent. CYAMBA prouincia (regnum) ad Oceanum orientalem. Prouinciae nomine indocti quidam simpliciter pro regione uel regno abutuntur. CAITACHI populi circa montem Caspium, ex quibus multi Christiani sunt, Iosaphat Barbarus. [...]THOLOMAN prouincia in Asia uersus Septentrionem, quam idololatrae habitant. Regna TANA, CAMBAETH, SEMENATH, & RESMACORAM, &c. singula habent regem & idioma proprium, Paulus Venetus. (f. 70r-v)*

23 É possível compreender essa questão como um ponto comum das reflexões metalinguísticas que passem a tomar ciência da diversidade e tentar, de algum modo, compreendê-la. Por exemplo, no *De vulgari eloquentia*, Dante resolve essa dificuldade entendendo que as línguas originais tinham mudado e originado as demais, verificáveis em seus dias. Uma solução compatível com sua observação do caráter mutável da língua vulgar.
24 *Et sane uidentur reuera dialecti (linguae potius) communes duas & septuaginta, ut in nostrorum etiam monumentis proditum reperitur. Reliqueae uero multae sub unum genus commune, quod duas aut tres pluresue dialectos contineat, referenda sunt. (f. 1v)*

pai em todas as línguas observadas. John Chamberlayne²⁵, em seu *Oratio Dominica in diversas omnium fere gentium linguas versa et propriis cuiusque linguae characteribus expressa*, de 1715, segue neste movimento, ampliando a compilação, os horizontes geográficos por ela cobertos e o número de itens do seu quadro comparativo lexical, que passam a ser *pai*, céu, terra, pão. São cerca de 150 línguas, incluindo gaélico, cárniaco, albanês, guarani, bengali, cingalês, uma língua tungúsica, tailandês e javanês. Pouco depois, em 1787, Lorenzo Hervás y Panduro, produz o *Saggio pratico delle lingue (Idea dell' Universo*, vol. 21): congrega mais de 300 línguas, incluindo uma língua hotentote, telugu, ostíaco, iacuto, permiano, kamchadal, vietnamita, vários dialetos do malaio, tibetano, curdo e 55 “línguas das Américas”. Esta obra representaria, em si, um salto relevante em direção à percepção do dado linguístico como meio de análise. Nela, Hervás teria lançado mão da segmentação morfêmica e da versão interlinear, dois dos instrumentos estruturalistas mais significativos para efetivar a comparação entre elementos linguísticos e mesmo decifrar valores semântico-morfológicos em línguas desconhecidas, ao longo do século XIX e início do XX.

É a partir do modelo segmentador de Hervás que Adelung e Vater seguiriam com o modelo da descrição linguística verificado em seu *Mithridates*.

Uma análise geral dessa estrutura permite observar, a um só tempo, uma preocupação em retomar as práticas de comparação lexical dos glossários e um movimento, característico dos paternostristas, rumo à tentativa de fornecer subsídios mais consistentes para a percepção das distinções entre as línguas. De fato, ao aplicar a tradução não apenas a itens lexicais isolados, mas a orações organizadas sob um padrão textual, elabora-se a amostra. Seria precipitado ler esse ato como um refinamento criteriológico que apontasse para a busca de apurar o que se poderia entender como dados linguísticos propriamente ditos. No entanto, o que se pode perceber é uma crescente consciência sobre a diversidade linguística, manifesta à medida que essas compilações optam por se valer de um texto, aumentam o número de itens registrados e os limites geográficos que abrangem (Cf. LAW, 2003; TRABANT, 1998; METCALF, 2013) entre outros).

25 Em linhas gerais, seguiu-se aqui a seleta de autores proposta por LAW (2003). Contudo, a lista dos que teriam incorporado essa tradição vai muito além dos exemplos pontuais aqui apresentados. Dela constam, por exemplo, Theodore Bibliander (1548), Postel (1558), John Baptist Gramaye (1622), Wilkins (1668), Nicholas Witsen (1692), entre outros. Embora sem dúvida a análise dessas obras fosse relevante para a compreensão global do fenômeno dos inventários linguísticos posteriores ao século XV, o presente artigo ateve-se à observação mais detida apenas de um rol, ante as limitações de espaço e escopo deste trabalho. No texto, foram mencionadas a obra de Megiser por destacar, já em seu título, o interesse na diversidade, e as mais cronologicamente próximas de Adelung e Vater.

A escolha do *Pai nosso* para materializar, nessas compilações, elementos linguísticos abstratos, por certo se dá a partir do que então se considera um universal, algo indistinto, difundido e, portanto, neutro. Trata-se, porém, de uma visão que não guarda consciência da alteridade (que, obviamente, seria anacrônica aqui). Essa questão reflete não só uma perspectiva cultural centrada em padrões difundidos na Europa do período, mas todo um sistema de ideias vigente sobre a língua no período anterior ao século XIX, notavelmente.

Na filosofia Aristotélica já se estabelece que, apesar de suas diferenças superficiais, as línguas expressam noções universais: as afecções da alma [*pathémata ts psyches*/ παθέματα τῆς ψυχῆς], das quais os sons das línguas são signos [*semeia*], seriam as mesmas para todos e representam as mesmas coisas [*prágmata*/ πράγματα]. (De *Interpretatione*, 16a). Essa concepção atravessará o pensamento ocidental e estará na base da gramática filosófica, por exemplo. Paralelamente, era comum que os estudos linguísticos e, notavelmente, o reconhecimento das ligações (diacrônicas ou não) dentre as línguas se amparassem no arcabouço de narrativas bíblicas (a onomaturgia de Adão, Babel, Pentecostes)²⁶ praticamente até o século XX. Nessa esteira, torna-se possível apostar na absoluta intertradutibilidade de qualquer conteúdo, uma vez que seria a mesma língua adâmica a ter se cindido em 72 outras a partir de Babel. Traduzir, portanto, passaria por resgatar um sentido original comum. Trabant (1998, p. 101) aponta que, somadas, essas narrativas teriam resultado, inclusive, na exaltação da unidade e no desdém da diversidade linguística durante boa parte da história.

Ao lado dessas concepções histórico-filosóficas há que se considerar uma tradição linguística autocêntrica sob a compreensão das relações ante a diversidade linguística no ocidente. Basta lembrar que, ante o grego antigo, povos e línguas não helênicos eram designados *barbaroi*, palavra que evocava a noção de balbucio, não de fala, propriamente dita. Essa visão aparece nominalmente retomada em Gessner:

“São chamadas bárbaras todas as línguas, à exceção do grego e do latim. De nossa parte, faríamos também exceção à língua hebraica, sendo que essa língua não é somente a mais antiga e mãe das demais, mas também sagrada e divina, pois é a língua em que está o Antigo testamento [...]. Porém, ainda assim nosso Deus quis também que o Novo testamento não fosse redigido em hebreu

²⁶ Como lembra Metcalf (2013, p. 22), para humanistas e pensadores anteriores, trata-se de uma série de referências admitidas como históricas, não meramente religiosas, e que se difundiam amplamente como base da constituição de diversos fenômenos linguísticos.

Todos esses elementos, além da tradição da “conversão linguística” que acompanhava a religiosa nos trabalhos missionários, explicam o uso do *Pai nosso* nesse cenário. Contudo, é claro que, na medida em que as traduções passem a abarcar as línguas não ocidentais europeias emergirão problemas de ordem cultural. Do quadro comparativo lexical de Chamberlayne, por exemplo, constam as palavras *pão*, *céu*, *terra*, *pai*. Assim, se por um lado selecioná-las a partir de um emprego textual contextualizado (na oração) indica uma certa consciência dos fatos da língua, por outro, acirra a seguinte questão. Em culturas que não compartilhem a cultura alimentar da Europa, não apenas a metonímia do *pão* como alimento em geral, mas mesmo seu valor denotativo da palavra podem ser intradutíveis. O mesmo se aplica às noções de *Céu* e *Terra*, conforme compreendidas na escatologia cristã, metaforicamente, como domínios distintos do divino, da vida e da morte. Até nas acepções supostamente mais óbvias o problema se apresenta: o conceito de *pai* pode ser relativizado em sociedades de organização comunal, cuja organização dos núcleos sociais difira da corrente europeia. Vale notar que esses transcendem os desafios usuais da prática tradutória, na medida em que partem de um texto mobilizador de elementos muito específicos de uma religião e sua visão de mundo. Isso ocorre ao tempo em que se estava supondo, provavelmente, tratar de universais, apoiados não só na difusão do cristianismo, mas na noção dos universais do pensamento, cuja aparente distinção residiria tão somente na superfície das manifestações linguísticas.

À medida que se desloque o foco para o dado coletado como meio para compreender questões linguísticas, ficará mais evidente o rol de imprecisões gerado a partir do emprego do *Pai nosso*.

No *Mithridates* de Adelung e Vater a reflexão sobre a funcionalidade desse instrumento é explícita. Adelung justifica o emprego do *Pai nosso*, ao mesmo tempo em que aponta críticas correntes a ele: “Tem-se criticado muito o método pautado pela escolha do *Pai nosso*. Mas essa é a única fórmula possível de obter em tantas línguas. Além disso, há vantagens que dizem respeito à sua correção”²⁸.

No volume IV (1817) dessa obra, Wilhelm von Humboldt, apresenta revisões e adendos ao artigo anterior (1809), de Adelung, sobre o basco. Na

27 *Barbarae siue Barbaricae linguae praeter Graecam & Latinam dicuntur omnes. Nos etiam Hebraicam excipimus, quod ea cum antiquissima ac instar parentis aliarum, tum sacra et diuina sit lingua: qua scilicet uetus Testamentum [...]. Sed [...] Deus [...] fecit: ita etiam nouum Testamentum non Hebraica lingua, sed potius Graeca, ceu apud caeteras gentes clarissima doctissimaque, conscribi uoluit* (f. 3v).

28 *Man hat mehrmals darüber gespottet, daß man gemeinlich das Vater Unser zu wählen pflegt. Allein es ist denn doch die einzige Formel, welche man in so vielen Sprachen haben kann; und denn hat sie auch in Ansehung der Richtigkeit große Vorzüge.* (Adelung 1806, p. xvi).

oportunidade, aproveita para criticar o método apontando justamente para uma restrição de ordem essencialmente metalinguística: “O *Pai nosso* contém sentenças tão simples e curtas que a construção da língua mal pode ser reconhecida, ainda menos o que forma seu estilo pode ser visível”²⁹.

Observa-se também aí uma metarreflexão sobre o método, especificamente no sentido de verificar o quanto ele revela ou permite acessar do dado linguístico de fato (estrutura, estilística). Considerando aspectos semânticos e culturais, ainda no mesmo século, J. Hammond Trumbull (1872), chama a atenção para a falta de conceitos equivalentes nas línguas algoquinas para termos tais como *Céu, reino, Terra, dívidas tentação, pão*. Novamente, são justos esses os termos a integrar a base das listas de palavras traduzidas por boa parte das tentativas de compilar quadros demonstrativos da diversidade linguística mundial. O emprego do *Pai Nossa* como texto modelo destinado a representar especificidades linguísticas mantém-se como parte de um método inserido em uma tradição. Contudo, passa a receber um olhar mais objetivo sobre sua função como efetivo material linguístico.

Essa perspectiva será gradativamente redimensionada em obras comparativo-compilatórias do século XVIII em diante. Por um lado, será possível flagrar a manutenção da estrutura de arranjo de amostras linguísticas e mesmo o retorno à comparação de meros itens lexicais (como no caso do *Dicionário de Pallas*). Por outro, haverá um passo em direção da análise do material compilado.

Da polimatia à ciência: um outro *Mithridates*

Os momentos em que se publicam os dois *Mithridates* (o de Gessner e o de Adelund) são marcados por expansões, ambos assinalados por viradas cognitivas particulares. De 1600 a 1800 verifica-se uma série de tentativas classificatórias das línguas. A hipótese monogenética perde força e os critérios de classificação distintos passam a emergir (MORPURGO-DAVIES, 1992).

É nesse cenário que, de 1806 a 17, são publicados os 4 volumes do, *Mithridates oder allgemeine Sprachkunde mit dem Vater Unser als Sprachprobe in bey nahejunjhundert Sprachen und Mundarten*, de J. Adelung and J. Vater. São abordadas cerca de 500 línguas nesta obra, distribuída do seguinte modo. O volume I e parte do II teriam sido elaborados por Adelung. A partir de 1806, no entanto, o desenvolvimento do material subsequente seria coordenado por J. S. Vater, autor do terceiro volume, do qual consta uma análise de línguas ameríndias e africanas. O volume 4, por sua vez, contém observações

²⁹ Das Vater unser enthält so einfache und kurze Sätze, dass kaum die Construction einer Spruce, viel weniger aber das, was den Stil in derselben bildet, darin sichtbar werden kann. (Humboldt 1817, p. 346).

e complementos de Wilhelm von Humboldt, que tece considerações sobre a língua basca.

Em seu *Mithridates*, Adelung não só se insere em uma tradição já configurada de compiladores e paternostristas, mas conscientemente se declara nela inserido. Em seu *Vorrede*, enumera aqueles que, antes de si, trabalharam com compilações de *Pais nossos*. Desse modo, manifesta-se como parte de uma tradição textual. Somando-se a isso o seu modelo de coleta, mais calcado em uma tradição escrita, de remissão a autores que realizam também trabalhos essencialmente linguísticos (os gramáticos missionários, por exemplo), a obra de Adelung e Vater acaba por demonstrar maior definição de seu objeto. Algo que remete mais a uma espécie de consciência científica do que à polimatia. No mesmo sentido, opera o recurso a dados consolidados numa cadeia de transmissão textual, não coletados apenas via relatos diversos de viajantes e afins. Trata-se de um gradativo fechamento sobre um sistema de referências próprio, sem dúvida viabilizado a Adelung e Vater por seu lugar na história, mas também pelo caráter mais analítico da obra. O movimento é mais de consulta a outros pesquisadores, do que de iniciativa coletadora. Tanto é que inúmeras são as alusões a gramáticas disponíveis, elaboradas por missionários e exploradores. Eis um índice da crescente exigência do nível de qualidade própria e reconhecidamente linguística do dado.

Coleta e compilação de dados linguísticos: da compilação de elementos exóticos, à compilação de elementos linguísticos

63

De fato, a discussão linguística nas primeiras décadas do XIX evidencia o tecido dinâmico de entrelaçamentos entre inovação e permanência que Amsterdamska (1987) aponta como característico da sucessão de modelos cognitivos em ciência. O período manifesta um amplo espectro de concepções: da tradição da gramática filosófica (que remonta aos séculos imediatamente anteriores) às então mais recentes perspectivas da Linguística orientada pelo dado (que se instaura). A primeira não se ampara na exploração de dados linguísticos, a segunda, sim. Nesse cenário, ambas as linhas de força não são excludentes, ou sequer possuem fronteiras perfeitamente definidas. Pelo contrário, convivem e, eventualmente, se interseccionam e entrelaçam, em um ambiente intelectual “não-monocorde”, como indica Morpurgo-Davies (1992, p. 24). A mesma autora afirma ainda que muitos dos estudiosos do período poderiam tanto estar interessados na gramática universal da tradição filosófica, quanto na etimologia, coadunando vertentes mais empíricas e mais indutivas do pensamento.

A constituição do método histórico-comparativo que estará na base da Linguística (então a ser instituída como ciência) dependerá sobretudo dos raciocínios indutivos: a observação de sequências de dados deverá possibilitar

a depreensão de regras e a percepção de equivalências e relações. Num primeiro momento, seria, pois, possível imaginar o advento da gramática comparativa como modelo cognitivo na base de uma escola de pensamento que consolidará a Linguística, inicialmente, em sua vertente histórica. Para tanto, o movimento enciclopédico de coleta de dados, antes direcionado a fins tipológicos, etnológicos, históricos, filosóficos, teria de passar a prestar-se ao estudo do desenvolvimento das línguas e sua classificação genealógica.

Nesse sentido, as diversas compilações linguísticas os finais do XVIII e os inícios do XIX teriam sido fundamentais ao desenvolvimento da linguística posterior. A questão não seria, porém, a coletânea de dados em si, mas antes sua metodologia e motivação, assim como, é claro, seu uso.

Ao contrário de Gessner, Adelung não se demonstra disposto a confirmar o que se admitia como histórico, ou a defender uma hipótese linguística previamente. Direciona-se, antes, a uma postura menos conectada às antigas narrativas sobre as línguas e, portanto, não assumidamente comprometida com sua confirmação, o que renderia a seu trabalho certa autonomia na abordagem do dado *per se*. É o que, ao menos no que tange à declaração de intenções, se verifica no *Vorrede do Mithridates*, onde Adelung afirma: “Eu não tenho uma opinião predileta, nem uma hipótese para comprovar, mas eu voltei a questão diretamente ao que é e como é, sem me ocupar do poderia ou deveria ser³⁰”. Apesar de muitas vezes no decorrer das análises presentes no *Mithridates* serem, sim, manifestas opiniões, é possível flagrar, no projeto epistêmico de Adelung, um movimento de foco no elemento linguístico, que se propõe relativamente autônomo e isento.

64

Sua opção mais analítica ou focada na observação dos dados em si também se revela em sua postura frente à diversidade das línguas, seu número e sua origem. Em uma obra de 1781, Adelung já sugere essa percepção:

“Uma vez que, inicialmente, havia uma única língua, ela estaria sujeita, entretanto à mudança ao longo do tempo – na medida em que o homem se espalhasse ao redor do globo e seu conhecimento se ampliasse –, ela se transformaria em inúmeros dialetos, os quais seriam, gradualmente, reformatados em línguas independentes.”³¹

Do mesmo modo, as noções de língua e dialeto, anteriormente tratadas por Gessner sob a ótica das narrativas bíblicas, surgem em Adelung

30 *Ich hatte keine Lieblingsmeinung, keine Hypothese zum Grunde zu legen, sondern ging unmittelbar von dem aus, was ist, und wie es ist, ohne mich um das zu kümmern, was sein kann, oder was sein sollte.* (ADELUNG, 1806, p. xi)

31 *Gesetzt, es habe einmal nur eine eigene Sprache gegeben, so musste sie doch [...] sich mit der Zeit verändern, und sich bey der Verbreitung der Menschen und ihrer zunehmenden Erkenntniss in unzählige Mundarten verwandeln, welche sich [...] nach und nach zu eigenen Sprachen umbildeten* (ADELUNG, 1781, p. 5)

amparadas por observações depreensíveis de dados, da realidade de sua coleta, das interrelações entre elementos:

“Essas diferenças definem quais são chamadas *dialetos* ou *variedades* de uma língua. Clima, tempo, distância, cultura e cem outras circunstâncias são capazes de transformar o que originalmente era tão somente um dialeto em uma língua individualizada. E foi assim que várias línguas do mundo surgiram.”³²

Veja-se que esse pensamento antecede a elaboração do seu *Mithridates*. Isso leva a crer que já na organização da coletânea, um propósito mais sistemático, crítico e destinado a captar questões e particularidades de cada contexto linguístico se instala.

Ao contrário de seus predecessores, Adelung não é um polímata. Concentra-se nas questões linguísticas de seu momento e anteriores. Demonstra consciência crítica frente à tradição em que se insere e levanta questões a serem resolvidas. Em uma de suas considerações sobre a língua alemã, de 1782, por exemplo, aponta esta pendência: [...] até agora, ninguém estabeleceu regras para avaliar a relação mútua das línguas ou para determinar o que é um dialeto, o que é uma [língua] aparentada, e o que é uma língua diferente ³³. Contraste-se tal visão com a modelagem histórico-bíblica proposta por Gessner na abordagem das fronteiras entre línguas e dialetos, e se perceberá que o terreno intelectual de Adelung é essencialmente outro. É com essa perspectiva, mais preparada para considerar o dado linguístico como meio de análise e compreensão de um fenômeno que se organizará, pois o *Mithridates* do século XIX, assim como a coleta e arranjo de dados linguísticos que estarão na base do trabalho dos comparativistas.

Referências Bibliográficas

ADELUNG, Johann Christoph; VATER, J. Severin. *Mithridates oder allgemeine Sprachenkunde mit dem Vater Unser als Sprachprobe in bey nahe fünfhundert Sprachen und Mundarten*. Berlin: in der Vossischen Buchhandlung, 1809

32 *Diese Verschiedenheiten machen das aus, was man Dialecte oder Mundarten einer Sprache nennt. Clima, Zeit, Entfernung, Cultur und hundert andere Umstände können das, was anfänglich nur eine Mundart war, zu einer eigenen Sprache machen, und auf diese Art sind die meisten Sprachen in der Welt entstanden.* (ADELUNG, 1781, pp. 4–5)

33 *Allein noch hat niemand Regeln gegeben, wornach das Verhältniss der Sprachen gegen einander beurtheilet werden müsse, oder woraus man bestimmten könne, was Mundart, was verwandte und was verschiedene Sprache ist* (ADELUNG, 1782, p. 9)

ADELUNG, Johann Christoph. *Deutsche Sprachlehre: Zum Gebrauche der Schulen in den königl. Preuß. Landen*. Berlin: Christian Friedrich Voß & Sohn, 1781.

ADELUNG, Johann Christoph. Der Sprachgebrauch gilt mehr, als Analogie und Regeln. *Magazin für die Deutsche Sprache*, 83–103. Leipzig: Eigenverlag & J. G. I. Breitkopf, 1782.

AMSTERDAMSKA, O. *Schools of Thought: The development of Linguistics from Bopp to Saussure*. Dordrecht: D. Reidel, 1987

ARISTOTLE. *On interpretation* (De interpretatione). Harvard: Harvard University Press, 1938.

BERRENS, Dominik. The Meaning of Flora. *Humanistica Lovaniensia. Journal of Neo-Latin Studies*, v. 68, n. 1, p. 237-249, mar. 2019.. Disponível em <<http://humanistica.be/index.php/humanistica/article/view/330>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

BLUMBERG, Hans. *The Legitimacy of the Modern Age*. Cambridge-London: MIT Press, 1983

BORGES NETO, José. *A naturalização da gramática e seu uso protocolar*. Conferência proferida durante o VIII Congresso da Abralin, Natal/RN, 02/02/2013. Disponível em: https://docs.ufpr.br/~borges/publicacoes/para_download/naturalizacao.pdf.

COHEN, Bernard. *Revolution in Science*. Cambridge: Harvard University Press, 1985

COLOMBAT Bernard. École thématique Histoire des représentations de l'origine du langage et des langues. Le grand atelier : *Grammatisation des vernaculaires, diversité linguistique et représentation de l'origine*. Jeudi 31 août 2006, 21H-23H. Île de Porquerolles, du 28 août au 1^{er} septembre, 2006

_____. L'accès aux langues pérégrines dans le Mithridate de Conrad Gessner (1555). In: *Histoire Épistémologie Langage*, tome 30, fascicule 2, 2008. Découverte des langues à la Renaissance. pp. 71-92. Disponível em :<<https://doi.org/10.3406/hel.2008.3167> https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2008_num_30_2_3167>

G. CHAPANSKI
O inventário poliglota como instrumento epistemológico da formação metodológico-conceitual da linguística comparativa do século XIX

CONTE, G. B. L'inventario del mondo: ordine e linguaggio della natura nell'opera di Plinio il Vecchio. In: PLINIO. *Historia Naturale*. Roma: Giulio Einaudi, 1982.

DANTE ALIGHIERI. *De vulgari eloquentia*. Roma: Garzanti, 2005

FALGUIÈRES, Patricia. Les chambres des merveilles. Paris: Bayard, 2003.

FINDLEN, Paula. *Possessing Nature: Museums, Collecting and scientific Culture in Early Modern Italy*. Berkeley, Los Angeles, london: University of California Press, 1994

HERVÁS Y PANDURO, Lorenzo. *Vocabolario poliglotto con prolegomeni sopra più di 150 lingue*. Cesena, 1787

HUMBOLDT, Wilhelm von. Berichtigungen und Zusätze zum ersten Abschnitte des zweiten Bandes des Mithridates über die Cantabrische oder Baskische Sprache. In: Adelung & Vater, *Mithridates oder allgemeine Sprachenkunde mit dem Vater Unser als Sprachprobe in bey nahe fünfhundert Sprachen und Mundarten*. Berlin: in der Vossischen Buchhandlung, 1817

IULIUS POLLUX, *Onomasticon*, tom. II, ed. E. Bethe, Leipzig 1931.

KENNY, Neil. *The uses of Curiosity in early Modern France and Germany*. Oxford: Oxford Scholarship Online, 2010.

67

KORTA, Jeremie Charles. *The Aesthetics of Discovery: Text, Image, and the Performance of Knowledge in the Early-Modern Book*. Doctoral dissertation, Harvard University, Graduate School of Arts & Sciences. 2015

KOYRÉ, Alexandre. *Estudos de História do Pensamento científico*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, (1973/1991).

METCALF, George J. *On Language Diversity and Relationship from Bibliander to Adelung*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2013

MORPURGO-DAVIES, A. *History of Linguistics: Nineteenth-Century Linguistics*. Londres e Nova Iorque: Longman, 1992

RUSSELL, C.W. *The life of Cardinal Mezzofanti whit an introductory memoir of eminent linguists, ancient and modern*. London, Longman, Brown and Co, 1858

SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, F. (1976): *Minerva o De la propiedad de la lengua latina*. Introdução e tradução por Fernando Riveras Cárdenas. Madrid: Ediciones Cátedra.

TRABANT, Jürgen. Mithridates: De Gesner Jusqu'à Adelung Et Vater. *Cahiers Ferdinand De Saussure*, no. 51, 1998, pp. 95–111. Disponível em: <www.jstor.org/stable/27758558> Acesso em 29 de janeiro de 2021

TRUMBULL, Hammond. Notes on Forty Versions of the Lord's Prayer in Algonkin Languages Author(s): J. Source: *Transactions of the American Philological Association* (1869-1896) , 1872, Vol. 3 (1872), pp. 113-218 The Johns Hopkins University Press Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/310262>>.

VIVEN, Law. *History of linguistics in Europe: From Plato to 1600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WOUTERS, Alfons. *The Grammatical Papyri from Graeco-roman Egypt: Contributions to the study of the “Ars Grammatica” in Antiquity*. Brussel: Paleis der Acedemiën, 1979.